

Resenha

PINTO, da Rocha Hilu Gabriel Paulo. (2010). **Islã - religião e civilização**: uma abordagem antropológica. Aparecida: Editora Santuário. 232p.

Diógenes Braga Ramos (PPGAS/UFMS) - diogenes.bragaramos@gmail.com

Este livro tem o objetivo, segundo o autor, de difundir um instrumento analítico destinado a pessoas interessadas em conhecer e compreender o universo religioso e civilizacional do mundo muçulmano. Para isso, apresenta os principais elementos doutrinários e rituais do sistema religioso islâmico, assim como elementos históricos que norteiam empiricamente o contexto do mundo muçulmano.

As pesquisas descritas no livro, a respeito da história islâmica, são frutos do trabalho etnográfico que o autor realiza, desde 1999, sobre o sufismo na Síria contemporânea e também são decorrentes de trabalhos nas comunidades muçulmanas no Brasil. O autor chama atenção de que os dados etnográficos utilizados em sua obra são de experiências de campo, mais específicas sobre aspectos diferentes do Islã que teve no Líbano, em Marrocos, no Egito, na Jordânia, na Turquia, no Irã e em algumas comunidades na Argentina, Paraguai, Estados Unidos, França, Alemanha, Holanda, Dinamarca e Suécia.

O texto foi construído por uma narrativa antropológica, tendo uma edificação teórica que permite ao leitor uma compreensão do mundo muçulmano, a partir de sua pluralidade cultural e histórica. Desta forma, o texto não tem a pretensão de esgotar as informações acerca das comunidades muçulmanas, porém, ele busca priorizar concepções antropológicas acerca do Islã, ou seja, o islã é visto como um fenômeno social e cultural e não apenas quanto uma verdade teológica. Assim, o autor ressalta que o livro foi construído a partir das práticas, dos discursos e nas subjetividades dos que se identificam enquanto muçulmanos.

Segundo Pinto, o islã é constantemente descrito pelo imaginário cultural e político das sociedades euro-americanas como radical, irracional, voltado ao fanatismo, autoritário, que oprime as mulheres, violento e tradicionalista. Estes estigmas se estabelecem principalmente após o episódio de 11 de setembro de 2001, nos EUA, e moldados pela cultura ocidental.



Entretanto, quando falamos e pensamos em islã temos que desmistificar que os muçulmanos possuem uma grande diversidade histórica, cultural e política. Além das divisões sectárias entre sunitas, que são aproximadamente 85% dos muçulmanos e os xiitas que compõem um em torno de 15%, temos que levar em conta a diversidade de formas de interpretar, praticar e vivenciar o islã nos mais diversos grupos sociais e tradições que os compõem.

Os países muçulmanos se estendem do norte da África, com Marrocos e a Mauritânia no extremo ocidental, ao sudeste asiático, com a Indonésia no extremo oriental. Desta forma pode-se afirmar que os países árabes não são demograficamente maioria dentre os muçulmanos.

O maior número de muçulmanos está localizado na região do subcontinente indiano, e, segundo Paulo Hilu, a população da Indonésia é o país com maior número de muçulmanos, com aproximadamente 90% da população. Há de se levar em consideração de há quantitativo de muçulmanos na Europa, EUA, América do Sul.

Dessa forma o autor chama atenção para a pluralidade geográfica, étnica e cultural, além da diversidade nas formas de interpretação, prática e experiência, nos mostra que pensar o islã como uma essência fixa, que não se influenciaria pelas questões relativas ao contexto histórico e social que o formataria em um único fenômeno social é equivocada. Ou seja, existem legitimidades, significados, efeitos práticos de doutrinas, rituais e formas de ser muçulmano que se diversificam a partir das fronteiras culturais, de contornos diversos, mesmo diante dos diferentes grupos de uma mesma sociedade que cria caminhos individuais.

A partir de alguns exemplos das experiências relativas aos ritos, experiências, doutrinas e práticas de algumas formas com que os muçulmanos lidam as questões complexas da religião islâmica, ele chama atenção para, que apesar dessas diferenças culturais em diferentes contextos históricos, muitos muçulmanos identificam-se pelas práticas e discursos de muçulmanos de outras sociedades e assim constroem suas subjetividades religiosas retiradas de outras realidades religiosas, tanto locais como supralocais. Contudo essas questões geram tensões dos limites e conteúdos para poder se definir como muçulmano.



Um dos desafios e objetivos do autor é tentar encontrar um ponto comum que seja observada a essência-histórica do islã, analisando prioritariamente os processos de construção, apropriação e práticas de formas normativas que se instituem de formas universais para os muçulmanos. Desta forma textos sagrados, doutrinas e rituais são importantes de serem analisados levando-se em conta sua apropriação, transformados ou extintos nas perspectivas normativas do islã entre os muçulmanos a partir do contexto social em que os mesmos estão inseridos.

Outro fator de destaque para o autor em relação às características que devem ser analisadas no islã é a questão da tradição, contudo, não tradição como algo estagnado, pois tradições religiosas como o islã, sempre estão se atualizando e recriando novas construções normativas.

O livro possui 232 páginas e está dividido em seis capítulos na seguinte ordem: 1. A constituição da tradição: A revelação e os “5 Pilares”; 2. Divisões sectárias: Sunismo e xiismo; 3. A vertente mística: O sufismo; 4. Crise e reforma: O mundo islâmico nos séculos XIX e XX; 5. Militância, globalização e pluralização: O islã nos séculos XX e XXI; 6. Novos espaços do islã: Comunidades muçulmanas na Europa e no Brasil.

A partir da disposição apresentada dos capítulos, seguem, resumidamente, respectivamente, algumas nuances para termos uma visão geral do livro. O capítulo primeiro apresenta os aspectos que balizam a fé ao islã, a partir da tradição religiosa pela revelação através do Alcorão e os cinco pilares que normatizam a identidade religiosa dos muçulmanos, sendo que esses fatores seriam um ponto comum que identificaria o pertencimento ao islã.

No segundo capítulo, Paulo Hilu discorre sobre as duas divisões sectárias do islã composta entre sunismo e xiismo, que não se instituiu de forma abrupta, mas a separação desses grupos se acontece através de um processo duradouro que instituíram doutrinas, rituais e instituições que formataram as duas tradições.

O terceiro capítulo foca nas questões relativas ao sufismo, que são as correntes místicas do islã que foram organizadas através de um conjunto de doutrinas, rituais e formas de afiliação coletiva que caracterizam uma determinada tradição esotérica ou “via” mística. O esoterismo sufi era muito comum no islã antes do século XIX, que permitiu com isso, que o



islã rompesse com as fronteiras dos impérios muçulmanos. Os sufis, ao acompanhar rotas comerciais, islamizaram populações na Ásia Central, sul da Índia, China, África subsaariana, Java, Sumatra e sul da Tailândia. Desta forma, com a expansão, ocorreram mudanças rituais e doutrinárias causadas pela adaptação do sufismo às tradições culturais de cada lugar.

No capítulo intitulado “Crise e Reforma: O mundo islâmico nos séculos XIX e XX” é descrito alguns elementos históricos concernentes ao islã nos séculos XIX e XX. Um dos marcos de crise e reforma do islã se dá pelo avanço expansionista europeu nos territórios islâmicos, principalmente por questões econômicas e financeiras. No meio destes processos de expansão europeia o islã inicia no século XIX um amplo movimento de reforma religiosa que vai até os dias de hoje. A textualidade moderna aplicada aos textos sagrados do islã alterou os padrões de circulação do saber religioso que não estava mais na mão de poucas pessoas. Dentre as mudanças que ocorreram no islã temos o wahabismo que se consolidou na Arábia Saudita, impondo alguns controles sociais, como a questão da vestimenta, segregação dos sexos e obrigatoriedade de práticas religiosas coletivas, como a oração nas mesquitas.

O quinto capítulo analisa o islã nos séculos XX e XXI, chamando atenção para as perspectivas ligadas à relação de dominação europeia sob os territórios muçulmanos no Oriente Médio e Norte da África no século XIX. A partir dessas construções europeias de dominação, alguns territórios muçulmanos começam a ganhar independência como Egito e a Transjordânia, em 1922 e Iraque, em 1932. Nessa construção de Estados e modelos “nativos” muçulmanos foi formada uma consciência do ideário do “islã político”. O grande diferencial do islã político não era o uso da religião como mobilização social, mas o de propor uma teoria política instituída a partir de categorias islâmicas, que organiza o conceito central no islã político é o de “Estado Islâmico”.

O livro é encerrado no capítulo seis em que o autor faz uma análise sobre os novos espaços do islã, observando comunidades muçulmanas na Europa e no Brasil. Neste capítulo o autor chama atenção para o avanço da presença muçulmana na Europa Ocidental e na América, no século XX. O crescimento do islã na Europa e na América têm discussões no âmbito de analisá-los, pois alguns pesquisadores salientam que a identidade dos muçulmanos nestes lugares são reflexo da interação entre elementos sociais e culturais locais, nacionais e



transnacionais além da influência das várias construções normativas da tradição islâmica estão envolvidas em diversos níveis. Mas temos também uma corrente de pesquisadores que observam o espaço nacional como uma unidade de análise do processo de produção das identidades de um islã francês, um islã inglês ou islã brasileiro. O autor faz opção metodológica de analisar o islã como um fator local, assim, devemos olhar para o islã brasileiro ou o islã francês. A partir disso o autor faz uma aproximação ao islã brasileiro e o islã europeu.

Fazer uma análise sobre a temática proposta pelo autor é sempre difícil e complicado, pois envolve dedicação e anos de pesquisas sobre o assunto. Desta forma o que posso questionar é com relação a perspectiva etnográfica, pois não vi a palavra do muçulmano fazendo suas observações sobre as análises relativas a eles em nível religioso e da sua prática religiosa.

O autor utiliza alguns exemplos de alguns muçulmanos, em determinados contextos territoriais, porém a designação étnica dos discursos locais não são evidenciadas ao longo do texto, desta forma o texto se constrói de forma histórico social deixando o aspecto antropológico na periferia das discussões propostas no livro.

Mesmo fazendo os apontamentos críticos não podemos negar que a obra do autor é de suma importância no contexto acadêmico brasileiro. Há uma aproximação ao islã de uma maneira que conseguimos entender os desdobramentos teológicos, sociais e culturais da construção da religião a partir do Oriente Médio para o mundo. Temos poucos textos acadêmicos sobre o islamismo, desta forma, essa obra é um estímulo para pesquisar o islã e buscar pela compreensão do crescimento desse fenômeno religioso no Brasil.

Do autor

O professor doutor Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto possui graduação em História e em medicina, mestrado em Antropologia (UFF) e doutorado em Antropologia (Boston University). É professor do departamento de Antropologia da UFF e coordena o Núcleo de Estudos do Oriente Médio. Pesquisa: Xiismo, Sufismo, Nacionalismo e Etnicidade, Impacto das Revoluções Árabes, Diásporas Árabes. Realizou trabalhos de campo etnográficos sobre diferentes aspectos da religiosidade muçulmana na Síria (1999-2010); Iraque (2012-2013);



Tunísia (2014); Marrocos (2003; 2014); com as comunidades muçulmanas no Brasil (Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Foz do Iguaçu, Porto Alegre, Recife 2003-2016); Paraguai (Ciudad del Este 2005-2015, Encarnacion 2006, Asuncion 2015); e Argentina (2018). Atualmente desenvolve trabalho de campo com membros das comunidades sufis de Alepo dispersos pelo conflito na França, Alemanha, Líbano e Jordânia. Foi bolsista Jovem Cientista do Nosso Estado da Faperj de 2013 a 2015. É bolsista Cientista do Nosso Estado da Faperj de 2018 a 2021. É bolsista de produtividade 1 C do CNPq desde 2018.